

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

GISELY DUARTE BARBOSA

**AUTISMO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE UMA
CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE
TABATINGA/AM**

TABATINGA - AM

2022

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

GISELY DUARTE BARBOSA

**AUTISMO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE UMA
CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE
TABATINGA/AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-Amazonas.

Orientadora: Ma. Rosi Meri Bukowitz Jankauskas

TABATINGA - AM

2022

B238aa Barbosa, Gisely Duarte

Autismo: Um Estudo De Caso Sobre A Inclusão Escolar De Uma Criança Autista Na Educação Básica No Município De Tabatinga-AM/ Gisely Duarte Barbosa. Manaus: [s.n], 2022.

52 f.: il., color.; 10cm.

TCC – Graduação em Pedagogia – Licenciatura – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022.

Inclui bibliografia

Orientador: Jankauskas, Rosi Meri Bukowitz

1. Autismo. 2. Educação. 3. Escola. I. Jankauskas, Rosi Meri Bukowitz (orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Autismo: Um Estudo De Caso Sobre A Inclusão Escolar De Uma Criança Autista Na Educação Básica No Município De Tabatinga-AM

GISELY DUARTE BARBOSA

**AUTISMO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE UMA
CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE
TABATINGA/AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-Amazonas.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^ª – Orientadora Rosi Meri Bukowitz Jankauskas
Mestre – Universidade do Estado do Amazonas - UEA

Prof. –
Doutor – Universidade do Estado do Amazonas - UEA

Prof.^a –
Título - Instituição em que atua

TABATINGA - AM

2022

DEDICATÓRIA

A meu sobrinho Ayrton Lucas que me fez conhecer o mundo azul, minha inspiração, que chegou em nossa família para fazer a todos sentir muito mais amor por termos que aprender a conviver com o autismo, além de respeitar suas limitações. A ele que em muitos momentos nos dar alegrias e nos emociona com suas formas de demonstrar suas habilidades e suas fraquezas, mas que juntos estamos vivendo a cada dia com mais vitórias do que derrotas.

AGRADECIMENTOS

Quero aqui agradecer a minha família que tiveram me dando suporte desde o começo de minha trajetória acadêmica em especial minha mãe Gisselia Aguiar Duarte, minha irmã Milena Duarte Barbosa, que estiveram durante toda minha trajetória acadêmica, me apoiando, dando suporte, força e autoestima para que não desistisse, a elas minha eterna gratidão. Agradecer e dizer a minha filha Joana Isabel que minha ausência por certos momentos, foi para a construção de minha vida profissional que será de melhorias para nossas vidas, por ti estou me formando para poder lhe dar um futuro com muita sabedoria e ensinamentos. Minha filha que muitas vezes tivemos que ir juntas para a Universidade, uma bebê que tinha que estar tendo atenção e cuidado naqueles primeiros meses de vida, foram momentos difíceis, mas que não foram obstáculos para meu fracasso. Não posso deixar de agradecer mais uma vez, a minha mãe Gisselia que teve forças para estar dando suporte que precisei para ficar com minha filha em momentos que minha presença teria que ser preenchida com o calor e carinho, mesmo minha mãe sendo uma mulher com saúde debilitada, mas que se manteve firme nessa caminhada. Ao meu pai Euzébio Sabá Barbosa, que em muitos momentos se fez presente, me dando ajuda nos afazeres acadêmicos, além de incentivos para a busca da minha formação profissional. Agradeço também a Deus por me proteger de todos os obstáculos que passei durante minha jornada, sei que sem a proteção divina não estaria aqui concluindo com tamanha satisfação esse trabalho. Agradeço a todos os professores que tiveram compartilhando conhecimento para que eu possa me tornar uma professora motivadora e dedicada aos meus futuros alunos.

“ A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades. ”

(Paulo Freire)

RESUMO

Podemos destacar que todas as crianças que possuem uma necessidade especial, uma especificidade em seu desenvolvimento, são capazes de construir um conhecimento novo, mas para tanto é necessário a ajuda que possam estar recebendo tanto da família quanto da escola, sendo auxiliada principalmente por profissionais capacitados para este tipo de ensino, pois é no ambiente escolar e com a ajuda desses profissionais que a criança especial será capaz de interagir com os demais colegas e com a sociedade. A inclusão desses alunos especiais em salas de ensino regular é um avanço e uma conquista de muitas famílias que buscam por um ensino igualitário e de qualidade para seus filhos. A presente Pesquisa intitulada “Autismo: Um Estudo De Caso Sobre A Inclusão Escolar De Uma Criança Autista Na Educação Básica No Município De Tabatinga/AM” justifica-se pelo seu cunho investigativo em trazer informações para os pais e professores da importância da inclusão desses alunos para a sala de aula, além disso, poderá ajudar aos novos professores de como receber esses alunos dentro da sala de aula, contribuindo assim para o seu trabalho. Teve como objetivo geral debater sobre os desafios do ensino com crianças autistas, destacando quanto a seus objetivos específicos acompanhar a rotina de uma criança diagnosticada com espectro autista, observando o seu dia a dia, como forma de identificar os principais desafios para a inclusão dessa criança na escola, para isso a pesquisadora buscou fazer uma sinopse com quem está diariamente envolvido na educação do aluno autista, como a escola, professores, pais e até mesmo os demais colegas em sala de aula, para isso procurou coletar informações desses agentes que convivem diariamente com essa criança, entrevistando e observando a relação existente entre eles, descrevendo na análise de dados as estratégias que a professora utiliza para proporcionar o desenvolvimento físico, cognitivo e social de seu aluno autista. Destacando-se por fim que a escola e as professoras possuem dificuldades a serem sanadas, mas que com o empenho e parceria das mesmas conseguem dia a dia vencer cada um deles.

Palavras-chave: Autismo, Educação e Escola.

RESUMEN

Podemos destacar que todos los niños que tienen una necesidad especial, una especificidad en su desarrollo, son capaces de construir nuevos conocimientos, pero para ello es necesaria la ayuda que puedan estar recibiendo tanto de la familia como de la escuela, siendo ayudados principalmente por personas capacitadas. profesionales para este tipo de enseñanza, porque es en el ámbito escolar y con la ayuda de estos profesionales que el niño especial podrá relacionarse con otros compañeros y con la sociedad. La inclusión de estos alumnos especiales en las aulas de educación regular es un avance y un logro para muchas familias que buscan una educación igualitaria y de calidad para sus hijos. La presente investigación titulada “Autismo: Estudio de Caso sobre la Inclusión Escolar de un Niño Autista en la Educación Básica en el Municipio de Tabatinga/AM” se justifica por su carácter investigativo al acercar informaciones a padres y docentes sobre la importancia de la inclusión de estos alumnos. al aula, además, puede ayudar a los nuevos profesores sobre cómo acoger a estos alumnos en el aula, contribuyendo así a su trabajo. Tuvo como objetivo general discutir los desafíos de la enseñanza con niños autistas, destacando como objetivos específicos acompañar la rutina de un niño diagnosticado con espectro autista, observando su cotidiano, como forma de identificar los principales desafíos para la inclusión de ese niño. en la escuela, para ello, la investigadora buscó hacer una sinopsis con quienes se involucran diariamente en la educación de los alumnos autistas, como la escuela, los docentes, los padres e incluso los demás compañeros del aula, para ello, buscó recopilar información de estos agentes que conviven diariamente con este niño, entrevistando y observando la relación entre ellos, describiendo en el análisis de datos las estrategias que utiliza la docente para propiciar el desarrollo físico, cognitivo y social de su estudiante autista. Finalmente, resaltar que la escuela y los docentes tienen dificultades por subsanar, pero que con su compromiso y compañerismo logran superar cada una de ellas día a día.

Palabras clave: Autismo, Educación y Escuela.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CAPITULO I – REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	12
1.1. CONHECENDO O CONCEITO DE AUTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	12
1.2. ASPECTOS HISTÓRICOS DA INCLUSÃO E O DIREITO À EDUCAÇÃO	17
1.3. A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA	22
1.4. O PAPEL DO PROFESSOR E OS DESAFIOS DA PROPOSTA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	24
2. CAPITULO II - METODOLOGIA.....	28
2.1. MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO	28
2.2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA QUANTO AO OBJETIVO	29
2.3. ABORDAGEM DA PESQUISA QUANTO A NATUREZA	31
2.4. TÉCNICA DE COLETA DE DADOS.....	32
2.5. O CAMPO DE PESQUISA E O SUJEITO DA PESQUISA	34
3. CAPITULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	36
3.1. O PROFESSOR E SUAS PERSPECTIVAS SOBRE O AUTISMO E SUA A INCLUSÃO ESCOLAR.....	36
3.2. A FAMÍLIA E SUA IMPORTÂNCIA NA INSERÇÃO E INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA	40
3.3. O SUJEITO AUTISTA E O PROCESSO DE INCLUSÃO NA ESCOLA ANEXO MUNDO ENCANTADO	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

A educação é um direito que precisa ser garantido a toda e qualquer criança, assim para as crianças que possuem algum tipo de deficiência não seria diferente, todavia historicamente as crianças que possuíam algum tipo de deficiência eram consideradas incapazes de aprender e na maioria das vezes eram excluídas do processo educacional, mas com o passar dos anos houveram muitas lutas que reconheceram os direitos dessas crianças por uma educação incluindo cada vez mais as crianças na conquista pela sua independência e espaço na sociedade.

O presente trabalho surgiu da experiência da pesquisadora ao estagiar na educação infantil, no qual durante aquele período de estágio passou a conviver com uma criança que na época foi diagnosticada como autista de grau leve. Diante desse diagnóstico a maneira de ensinar que se voltou para essa criança chamou a atenção, devido aos cuidados que se devia possuir para integrar o aluno com as demais crianças, além disso, percebeu-se a importância do professor ao ensinar e possibilitar a inclusão dessas crianças em sala de aula, bem como, tentar transmitir conhecimentos a ela com qualidade. Entretanto, esse tipo de educação especial, enfrenta muitos desafios principalmente nas escolas do município de Tabatinga que se encontram distantes do capital do Amazonas.

A pesquisa versa o debate sobre o Autismo, estabelecendo-se como um estudo de caso sobre a inclusão escolar de uma criança diagnosticada com autismo, relatando a experiência da escola, professores e pais para oferecerem uma educação de qualidade e inclusiva, trazendo assim uma visão da rotina escolar de crianças que possuem autismo, juntamente com a importância que tem da família e da escola trabalharem em conjunto para obterem um bom aprendizado destes alunos.

Desse modo, a escolha deste Tema “Autismo: um estudo de caso sobre a inclusão de uma criança autista na educação básica no município de Tabatinga/AM” foi no intuito de conhecer os desafios que pais, professores e escolas enfrentam diante de crianças especiais no ensino básico, principalmente em escolas municipais locais, que por si só já possuem dificuldades educacionais existentes como em demais locais distantes dos grandes centros brasileiros. As hipóteses que foram formuladas sobre essas dificuldades partem dos problemas comuns ao ensino, como falta de estrutura do ambiente escolar, professores não especializados, ou até mesmo a não participação dos pais na vida escolar dos filhos. No entanto, quando tratamos de educação especial, temos a noção que os problemas comuns a educação, se tornam ainda maiores, uma vez que o apoio dos pais para com essas crianças se torna essencial.

A pesquisa, dessa maneira, buscou saber dentro do ambiente escolar quais seriam as estratégias utilizadas pelos professores para proporcionar uma educação de qualidade a crianças autista no município de Tabatinga, analisando as dificuldades, inseguranças no processo educacional básico no qual professores e pais tendem a se relacionar para levar um ensino a criança com espectro autista.

Foi relevante pesquisar sobre esse assunto, tendo em vista que sempre haverá alunos especiais dentro de sala de aula, e como profissionais da educação se tem o dever de recebê-los e acolhe-los, sendo este o papel de um bom educador, no qual além de respeitar as limitações das crianças especiais, mas também as inclua como seres participantes da sociedade. Assim a pesquisa também buscou enfatizar a importância da grande necessidade dos profissionais da educação em se aprofundarem mais nos estudos sobre o autismo e sua inclusão escolar.

Essa pesquisa, tem como objetivo geral debater sobre o desafio do ensino com crianças autistas, podendo em pesquisas futuras gerar novos debates sobre o ensino de crianças especiais no município, que carece na atualidade de cursos e capacitações voltadas a atender essa parcela de crianças na educação, uma vez, que os profissionais que atuam muitas das vezes não são capacitados diretamente naquela área, além da maioria das escolas da rede básica do município não oferecerem estruturas, materiais e capacitação que são essenciais a este tipo de ensino.

Quanto aos objetivos específicos que foram o foco direcional do que foi trabalhado, a pesquisa buscou acompanhar a rotina de uma criança diagnosticada com espectro autista, observando seu dia a dia, como forma de identificar os principais desafios do ensino regular na inclusão de crianças com autismo dentro do município de Tabatinga-AM, descrevendo a estratégia que a professora utiliza para proporcionar o desenvolvimento físico, cognitivo e social do aluno que possui autismo, analisados diante das observações feitas durante o acompanhamento dessa criança autista integrada na educação básica no município de Tabatinga Amazonas.

Para isso o estudo foi dividido em três Capítulos principais, nos quais abordou o que já foi falado sobre o assunto através do referencial teórico composto pelos conhecimentos a respeito do autismo, seu conceito, sintomas e intervenções utilizadas, e principalmente a importância do ensino regular para a inclusão dessas crianças na sociedade. O Capítulo dois, abordou as metodologias utilizadas durante a pesquisa, suas abordagens e linhas de pesquisa, tipos de pesquisa, materiais e métodos utilizados para a coleta e análise de dados. Por fim o terceiro Capítulo teve como intuito apontar e analisar os dados obtidos na pesquisa, os métodos utilizados pelos professores e como a escola e a família contribuíram até o momento para a inclusão dessa criança autista na educação básica.

CAPITULO I – REFERÊNCIAL TEÓRICO

O presente Capítulo tem como objetivo abordar através de uma breve pesquisa biográfica as ideias de outros autores como forma de embasar a pesquisa sobre a inclusão da criança autista nas escolas públicas brasileiras. Para isso este capítulo estará dividido em partes no qual explicam: Os Conceitos E Características Do Autismo, Os Aspectos Legais Que Envolvem A Inclusão Do Aluno Autista A Importância Da Comunidade Escolar Para A Inclusão De Crianças Com Espectro Autistas E O Papel Do Professor Diante Da Inclusão De Alunos Autistas.

1.1. CONHECENDO O CONCEITO DE AUTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O transtorno autista já é um tema que vem sendo discutido na educação, mas antes de falarmos sobre a inclusão de crianças autistas nas escolas públicas brasileiras é necessário que primeiro conceituamos o que seria o autismo que também é conhecido pelo termo TEA – Transtorno do Espectro Autista. Segundo Bossa (2002, p. 26) o termo autismo “deriva do grego (autos = si mesmo + ismo = disposição/orientação) e foi tomado emprestado de Bleuler (o qual, por sua vez, subtraiu o “eros” da expressão autoerotismus, cunhada por Ellis, para descrever os sintomas fundamentais da esquizofrenia, mas o mesmo não possui ligação com a esquizofrenia, uma vez que o autismo segundo Gomes, Silva e Moura (2019, p. 1) “é uma condição classificada no DSM5 como pertencente à categoria denominada transtorno do neurodesenvolvimento”, podendo ser identificado em crianças nos vários níveis, podendo prejudicar o seu desenvolvimento, tanto em áreas de interação social, comunicação e também no comportamento. Segundo Gomes e Teran (2014, p. 447):

O termo Autismo foi nomeado pelo psiquiatra Leo Kanner tendo como base a terminologia originalmente concebida por seu colega suíço Eugen Bleuler em 1911, Bleuler iniciou o estudo na área ele foi o primeiro que utilizou o termo “Autismo” que deriva do grego “Autos”, que quer dizer volta-se para si mesmo. Para descrever o afastamento do mundo exterior observando em adultos com esquizofrenia, que tende a mergulhar em suas próprias fantasias e pensamentos (GOMES; TERAN, 2014, p.447).

Segundo O Manual de Orientação (2019, p. 1) “O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos”, ou seja, é um transtorno neural que afeta muitas habilidades da criança, desde a

sua interação social, comunicação, comportamento. Apresentante também comportamento de com padrões restritos e repetitivos. Corroborando com essa ideia Orrú (2011, p. 30) afirma que:

O autismo é uma síndrome comportamental que engloba comprometimento nas áreas relacionadas à comunicação, quer seja verbal ou não verbal, na interpessoalidade, em ações simbólicas, no comportamento geral e no distúrbio do desenvolvimento neuropsicológico.

Melo (2007, p. 16), por sua vez, define o Autismo como sendo “uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação”, assim o autismo pode ser identificado logo nos primeiros anos de vida da criança, evidenciados segundo a autora por comportamentos “antissociais” e dificuldades da fala.

Em 1944, dando continuidade aos trabalhos de Kanner, o médico Hans Asperger escreveu um artigo intitulado “Psicopatia Autista da infância”, no qual listava algumas características que o paciente com espectro autista apresentava, todavia uma mesma que seus estudos tivessem sido descritos em 1944, foi somente em 1994 que a Síndrome de Asperger foi incluída no DSM-IV – Manual de Diagnostico e Estatística de Doenças Mentais da Academia Americana de Psiquiatria. Belisário Filho (2010, p. 10) cita algumas descrições que Asperger apresenta em seu livro sobre o qual denominou síndrome de Asperger:

As relações sociais e afetivas: Asperger identificava como traço fundamental a limitação de suas relações sociais, considerando que toda a personalidade da criança está determinada por esta limitação.

A comunicação e a linguagem: Estranhas pautas expressivas e comunicativas, anomalias prosódicas e pragmáticas. As anomalias prosódicas são alterações das propriedades acústicas da fala - ritmo e entonação, constituindo uma fala estranha nesses aspectos. As anomalias pragmáticas dizem respeito a uma comunicação restrita a significados implícitos ou a serem inferidos. Do ponto de vista da comunicação receptiva, esta anomalia representa a dificuldade de compreender um chiste ou o sentido ambíguo de palavras ou expressões.

Pensamento: Compulsividade e caráter obsessivo de seus pensamentos.

Comportamento e atitudes: Tendência a guiar-se de forma alheia às condições do meio.

Nota-se que muitas características citadas por Asperger se assemelham ao autismo, e há que estudiosos que afirmam que a síndrome de Asperger é um tipo de autismo num estado mais leve o qual a fala não é muito afetada. Contudo no ano de 1960, o conceito de Transtornos Globais de Desenvolvimento, nomeados pelos trabalhos de M. Rutter e D. Cohen,

O conceito de Transtornos Globais do Desenvolvimento surge no final dos anos 60, derivado especialmente dos trabalhos de M. Rutter e D. Cohen, e traduzem a compreensão do autismo como um transtorno do desenvolvimento, no qual Belizário Filho e Cunha (2010, p. 12) os Transtornos Globais de Desenvolvimento o “é explicado e descrito como um conjunto de transtornos qualitativos de funções envolvidas no desenvolvimento humano”, observados tanto no Autismo Infantil, quanto a Síndrome de Asperger, estando classificado ainda segundo os autores em subcategorias dentro do chamado Transtornos Globais do Desenvolvimento:

O Transtorno Global do Desenvolvimento não diz respeito apenas ao autismo. Sob essa classificação se descrevem diferentes transtornos que têm em comum as funções do desenvolvimento afetadas qualitativamente. São eles:

- Autismo;
 - Síndrome de Rett;
 - Transtorno ou Síndrome de Asperger;
 - Transtorno Desintegrativo da Infância;
 - Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação.
- (BELIZÁRIO FILHO; CUNHA, 2010, p. 12)

As características apresentadas pelo Autismo e Asperger são muito semelhantes, todavia diferentemente do que ocorre no Autismo, na síndrome de Asperger “não existem atrasos significativos na linguagem [...] e nem no desenvolvimento cognitivo ou nas habilidades de autoajuda, comportamento adaptativo (outro que não a interação social) e curiosidade acerca do ambiente na infância”, assim os dois se diferenciam nesses aspectos, uma vez que o Autismo pode interferir severamente na interação social da criança, afetando sua linguagem e comunicação (BELIZÁRIO FILHO; CUNHA, 2010, p. 16).

1.1.1. Sintomas, diagnóstico, intervenções e tratamentos.

Como foi possível perceber o autismo é um transtorno bem complexo, no qual cada vez mais há estudos, e até onde se sabe possui vários níveis. Segundo Ministério da Saúde (2000, p. 10) o autismo e suas características podem ser “percebidos na escola (ainda no pré-escolar) pelas professoras que, no convívio cotidiano e grupal, podem observar a impossibilidade destas crianças de se relacionar, seja com outras crianças, seja com as próprias professoras”, e apesar da sua complexidade existem características que devem ser reconhecidas pelos pais e professores para os reconhecimentos de crianças autistas:

[...] era uma unanimidade entre os especialistas que quanto mais cedo fosse feito o diagnóstico, mais cedo poderia começar a estimulação precoce das crianças dentro do espectro autista, obtendo resultados extremamente

significativos na aquisição de comportamentos adequados, com reflexos na atenção, na aprendizagem, no ajustamento social e na sua interação com as pessoas (COSTA, 2013, p. 75).

Como mencionado existem algumas características em crianças autistas que devem ser reconhecidas pelos pais, professores e cuidadores, uma vez que a mesma quanto mais cedo identificada, poderá ser feita um tratamento adequado, todavia dependendo do caso da criança autista, a identificação de sintomas se torna mais difíceis ou mais fáceis dependendo do quadro da criança.

Como em qualquer patologia, os casos mais graves são mais facilmente identificáveis. Há, no entanto, crianças autistas que apresentam desenvolvimento motor normal, ao mesmo tempo em que se comportam de forma estranha e inadequada. Algumas não suportam o contato físico, carinhos, abraços, até mesmo por parte de sua mãe, pai ou irmãos. Outras, ao contrário, procuram o contato físico, mas este é indiscriminado e exagerado, podendo se dar inclusive com estranhos na rua. Este sintoma, em geral, é associado à síndrome de Rett, que é uma variação do autismo, pois estes gestos não refletem relação (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000, p. 11)

São vários os sintomas que o autismo pode apresentar, e como mencionado por Leboyer (2005) o mesmo “não escolhe raça, etnia, crenças ou classes sociais”, pois ainda não se sabe ao certo como é transmitido essa condição as crianças, no qual segundo Oliveira (2020, p. 1) o Transtorno do Espectro Autista ou TEA:

[...] pode vir acompanhado de outros distúrbios, como depressão, epilepsia e hiperatividade. Apresenta-se em graus variados, desde os mais severos (em que a pessoa não fala, não olha, não mostra interesse algum no outro) até os mais leves, chamado de alto funcionamento (falam, são capazes de acompanhar estudo normal, desenvolver-se em uma profissão, criar vínculos com outras pessoas).

As causas ainda são um tanto desconhecidas, porém acreditava-se que as origens do autismo sejam em anomalias em alguma parte do cérebro, mas nada cientificamente confirmado, mas se entende que pode ser de origem genética e fatores ambientais como estabelecido no Manual de Orientação.

O TEA é causado por uma combinação de fatores genéticos e fatores ambientais. Estudos comparando gêmeos idênticos e gêmeos fraternos mostram que a taxa de concordância do TEA é significativamente maior entre os primeiros do que entre os segundos, sugerindo um forte componente genético na etiologia do autismo (MANUAL DE ORIENTAÇÃO, 2019, p. 3).

Para Mello (2007, p. 17) um outro componente para as causas do autismo possa estar relacionado a fatores ocorridos durante a gestação ou no momento do parto. Como as causas

ainda não estão de fato reconhecidos e definidas, o que se recomenda é que durante a gestação a mãe possa fazer seu pré-natal, e também ter o total cuidado com ingestão de medicamentos, álcool ou fumo que devem ser evitados ou ter o consentimento do médico que está lhe acompanhando, corroborando o Manual de Orientação (2019, p. 10) diz que “deve se identificar possíveis fatores de risco para TEA: idade dos pais (filhos de pais mais idosos apresentam risco maior para o desenvolvimento do autismo), gravidez espontânea ou induzida, uso de medicamentos, consumo de drogas ilícitas, álcool e tabagismo durante a gestação”.

Quanto ao diagnóstico em crianças, o Ministério da Saúde (2000, p. 11) o importante, não é os sintomas apresentados pelas crianças, mas a impossibilidade de ela se relacionar ou não, assim “não se trata, aqui, de assustar os pais ou de fazer com que se desesperem ao identificar um ou outro sintoma do autismo em seu filho, mas sim que procurem ajuda para esclarecimento”, assim o importante é que os pais procurem um médico para um diagnóstico adequado, pois “quanto mais cedo se instituir um tratamento adequado, melhor o prognóstico”, e mais cedo começará o tratamento conforme já citado anteriormente por Costa (2013, p. 75).

Quanto ao diagnóstico, apesar dos pais e professores poderem identificar alguns sintomas, conforme esclarecido por Mello (2007, p. 22) ele deve ser feito por um profissional com formação em medicina e experiência clínica em medicina e experiência clínica de vários anos diagnosticando essa síndrome.

O diagnóstico de autismo é feito basicamente através da avaliação do quadro clínico. Não existem testes laboratoriais específicos para a detecção do autismo. Por isso, diz-se que o autismo não apresenta um marcador biológico. (MELLO, 2007, p.22)

É importante que os pais sempre busquem profissionais e estejam fazendo novos exames, e em caso apresentem alguns dos sintomas devem ser levados a um médico especialista. Ainda segundo Mello (2007) esses sintomas são apresentados antes dos 3 anos de idade, devendo ser feito o mais breve possível para que as intervenções educacionais e especializadas sejam colocadas em prática. Ainda em seu livro a autora relata que:

Assim como no autismo, não existem exames clínicos que identifiquem, a Síndrome de Asperger e o diagnóstico é feito através da observação dos comportamentos.

Os critérios do diagnóstico oficial da Síndrome de Asperger estão enumerados no DSM-IV. (MELLO, 2007, p.26)

Por isso, é interessante saber se a criança possui o autismo ou a Síndrome, uma vez que é possível em alguns que a criança tenha a Síndrome de Asperger, sendo a mesma mais leve e menos grave do que a daquele que possui autismo, todavia em ambos os casos Mello

(2007) afirma que tanto com a criança com a Síndrome quanto com a que tenha autismo é necessário o diagnóstico qualificado bem como o seu tratamento.

O tratamento do autismo envolve as intervenções de médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e educadores físicos além da imprescindível orientação aos pais ou cuidadores. É altamente recomendado que uma equipe multidisciplinar avalie e desenvolva um programa de intervenção personalizado, pois nenhuma pessoa com autismo é igual a outra. (AMORIN, 2021)

Colaborando Mello (2007) também afirma que nenhuma intervenção ou tratamento aplicado terá o mesmo resultado se não possuir um bom diagnóstico, e mesmo com o diagnóstico, o tratamento de cada criança também é diferenciado de acordo com cada criança em função de sua evolução, ambiente e gravidade apresentada por cada criança. Quanto aos tratamentos a psiquiatra Letícia Calmon Drummond Amorim (2021) na página do site da Associação de Amigos do Autismo aponta os três principais que são:

TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handcapped Children): é um programa estruturado que combina diferentes materiais visuais para organizar o ambiente físico por meio de rotinas e sistemas de trabalho, de forma a tornar o ambiente mais compreensível. Esse método visa a independência e o aprendizado.

PECS (Picture Exchange Communication System ou Sistema de Comunicação por troca de figuras) é um método de comunicação alternativa por meio de troca de figuras. É uma ferramenta valiosa tanto na vida das pessoas com autismo que não desenvolvem a linguagem falada, quanto na vida daquelas que apresentam dificuldades ou limitações na fala.

ABA (Applied Behavior Analysis ou Análise do Comportamento Aplicada) consiste na aplicação dos princípios fundamentais da teoria do aprendizado baseado no condicionamento operante e reforçadores com o objetivo de incrementar comportamentos socialmente significativos, reduzir comportamentos indesejáveis e desenvolver habilidades. Há várias técnicas e estratégias de ensino e tratamento comportamentais associados a análise do comportamento aplicada que têm se mostrado útil no contexto da intervenção, incluindo (a) tentativas discretas, (b) análise de tarefas, (d) ensino incidental e (e) análise funcional.

Esse método segundo a autora são os métodos de intervenção mais conhecidos e utilizados internacionalmente que visam promover tanto o desenvolvimento social quanto cognitivo da pessoa com autismo, possuindo uma vasta pesquisa que atestam sua eficácia.

1.2. ASPECTOS HISTÓRICOS DA INCLUSÃO E O DIREITO À EDUCAÇÃO

A educação é um direito de todos assim como institui a Constituição Federal de 1988, capítulo III, seção I:

Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Apesar de expresse na Constituição Federal de 88, a educação inclusiva no Brasil segundo Soares (2019, p. 11) teve seu início somente nos meados dos anos 90, devido a intensos movimentos de lutas que visavam garantir a igualdade de direitos a pessoas com deficiências, e sua integração dentro das escolas, uma vez que o ensino para as crianças com deficiências era segregado e excludente, colocando as crianças em escolas “especiais” retirando-a do convívio escolar comum. No entanto, como enfatizado por Gomes (2010, p. 31) o assunto sobre a educação de alunos com necessidades especiais eram poucos debatidos, sendo este debatido somente em 1994, durante a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, no qual foram discutidas as necessidades básicas de aprendizagem do aluno com necessidades especiais, sendo visto pela primeira vez como parte integrante do sistema educativo, devendo a sociedade brasileira a partir daquele momento tomar medidas que garantissem sua inclusão no sistema regular de ensino.

A educação especial tinha como orientação o documento intitulado Política Nacional de Educação Especial (1994), o qual apresentava como fundamentos a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 4.024/61), o Plano Decenal de Educação para Todos (1993) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) (GARCIA; MICHELS, 2011, p. 106).

Apesar do documento de orientação para a educação especial foi somente em 1994, com a declaração de Salamanca que a educação especial passou a ter uma maior notoriedade no cenário mundial apontando necessidades de mudanças no atendimento e inclusão de todos de forma igualitário.

De acordo com as mudanças propostas na Declaração de Salamanca de 1994, os sistemas de educação e os programas educacionais devem ser pensados, implantados e executados com o objetivo de considerar, respeitar e incluir a enorme diversidade e pluralidade existente no campo educacional e social (SOARES, 2019, p. 11).

A declaração de Salamanca tinha como princípio fundamental a escola inclusiva, no qual priorizava que que todas as crianças aprendessem juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 5). Além disso, a declaração destaca que a

escola e o projeto político pedagógico devem adequar-se às necessidades dos alunos. Ainda sobre a educação especial a declaração destaca que:

Toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades, escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 1).

Em 1996 com a aprovação da a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394 (BRASIL, 1996) foi colocado um capítulo que se dedicava a tratar da educação de crianças com deficiência. O capítulo V intitulado “Da Educação Especial” diz que:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:
I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades; [...]

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora

O capítulo V veio trazer uma nova perspectiva a inclusão das pessoas com deficiência, e passou a cobrar de forma direta as escolas a inclusão das crianças com autismo e deficiências. Outro marco importante para a educação especial foi feito pelo Decreto nº 3.298, de 1999, que passou a regulamentar a lei nº 7.853-89. Segundo o documento intitulado como “Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva”, do Ministério da Educação (BRASIL, 2010, p. 10) destaca que o “decreto veria integrar as pessoas com deficiências na educação, o qual a educação deveria ser transversal englobando todos os níveis

e modalidades de ensino devendo o ensino regular complementar e desenvolver os alunos com deficiências e garantindo seu aprendizado e socialização”.

Em 11 de setembro de 2001 foi criada, a partir da resolução CNE/CEB Nº 2, as Diretrizes Nacionais para a educação Especial na Educação Básica, nos quais conta com vários documentos que regulamentam e embasam a importância do ingresso de crianças especiais na educação regular. Através da Resolução nº 02/2001 a resolução CNE/CEB nº 2 (BRASIL, 2001, p. 1) em seu artigo primeiro já destaca que o início da educação especial ocorrerá já na educação infantil em creches e pré-escolas, e deverá ser assegurado um serviço educacional especializado mediante a necessidade, já em seu art. terceiro a resolução informa que a escola deve criar deverá adaptar recursos materiais e humanos para o atendimento dessas crianças. Segundo o Ministério Da Educação Brasil (2010, p. 11):

As Diretrizes têm como objetivo principal servir como guia e orientativo para o professor quando este se deparar com a situação de inclusão de crianças deficientes na Educação Básica. O documento, Diretrizes Nacionais Para a Educação Especial na Educação Básica, ampara o ensino em toda a educação Básica desde a Educação Infantil, ele aborda questões relativas à educação especial. Como consta nas Diretrizes, entende-se por Educação Especial:

Art. 3º Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica. (BRASIL, 2001, p.1).

Após as diretrizes, em 2007 através do decreto 6.253, do FUNDEB, foi destacada a importância do atendimento educacional especializado o qual deveria contar com a participação da família, para o pleno atendimento da educação especial, devendo estar articulado com as demais políticas públicas escolares. Em seu Art. 3º o decreto dispõe os objetivos do atendimento especial:

I – prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular e garantir serviços de apoio especializados de acordo com as necessidades individuais dos estudantes;

II – garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular;

III – fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e IV – assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino (BRASIL, 2007).

O decreto do Fundeb foi importante a medida que deu apoio a educação especial, no qual esclarecia que a escola deveria fomentar recursos e materiais que seriam destinados a

educação especial. Mas foi somente em 25 de junho de 2014, através da lei nº 13.005, que o estímulo a formações de professores para a educação especial foi traçado. Através do Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) foram traçadas metas para uma educação mais inclusivas como:

Universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados (BRASIL, 2014, p.18).

Percebe-se que neste documento os Transtornos globais de Desenvoltimentos foram incluídos sendo citadas como parte da inclusão de crianças nas escolas regulares. Nesta perspectiva o documento ainda formulou 20 metas que integraria a educação especial a proposta pedagógica da escola regular, de modo a proporcionar as crianças com transtorno de desenvolvimento uma educação mais igualitária. Acordo com a Lei nº 13.005, para que o acesso e a permanência desses alunos sejam concretizados é preciso:

Manter e ampliar programas suplementares que promovam a acessibilidade nas instituições públicas, para garantir o acesso e a permanência dos (as) alunos (as) com deficiência por meio da adequação arquitetônica, da oferta de transporte acessível e da disponibilidade de material didático próprio e de recursos de tecnologia assistiva, assegurando, ainda, no contexto escolar, em todas as etapas, níveis e modalidades de ensino, a identificação dos (as) alunos (as) com altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2014).

Durante os anos, essas leis vieram para garantir o acesso, ingresso e um ensino a crianças que até pouco tempo eram marginalias e tidas como incapazes. Todavia como demonstrados por vários estudos as mesmas possuem capacidades de aprendizagem, e essas leis foram criadas para assegurar que tais crianças pudessem ter direito a uma educação regular e inclusivas, de modo que as mesmas passem a ser parta da sociedade, promovendo sua autonomia, todavia a pesar das conquistas ainda há muito o que se fazer.

No que diz respeito a educação da criança Autista, deve ser ressaltada ainda a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que alterou o caput § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Instituinto a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista:

III - a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes;

V - o estímulo à inserção da pessoa com transtorno do espectro autista no mercado de trabalho, observadas as peculiaridades da deficiência e as disposições da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente);

Art. 3º- São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

III- o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:

a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;

b) o atendimento multiprofissional;

Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.

Essa lei veio garantir a criança com autismo, direitos para sua inclusão a escolas regulares gratuitas, sendo uma lei fruto de uma luta de uma mãe autista para a inclusão de seu filho e de outras crianças autista, nessa lei a criança autista deve estar matriculadas em salas de aulas comuns como qualquer outra criança, todavia devendo ter o apoio de um acompanhante especializado para o seu auxílio no aprendizado. Perceba-se ainda, que a lei deu o direito a inclusão de fato a esse aluno, dando-o direito ao ensino adequado a sua necessidade e potencialidades, diferente do que era ocorrido antigamente o qual as crianças com deficiências eram integradas ao ensino regular sem nenhum apoio.

No entanto, apesar das conquistas ainda há muito o que ser feito para que as inclusões dessas crianças sejam feitas com qualidades, uma vez que as escolas brasileiras em sua maioria enfrentam vários problemas estruturais, e também de apoio a formação continuada de professores especializados nessas áreas. Neste sentido, apesar das dificuldades os professores ainda são os agentes principais dessa inclusão, o qual devem fazer com que os alunos sejam verdadeiramente incluídos nesse ambiente, entendendo e atendendo a necessidade dos alunos, ultimando-se de técnicas que façam os alunos autistas interagirem, se expressarem, aprenderem, enfim se desenvolverem como qualquer outra criança.

1.3. A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA

Como e visto no tópico anterior a inclusão de pessoas com deficiências no ensino regular são recentes e mudanças ainda estão ocorrendo nos dias atuais, todavia como já se sabe a integração das crianças especiais nas escolas já é um fato, ou seja, as escolas públicas brasileiras possuem o dever de assegurar uma educação a todos os alunos com deficiência ou não, garantindo sua inclusão nas escolas.

O conceito de escolas inclusivas supõe uma maneira mais radical de entender a resposta educativa à diversidade dos alunos e baseia-se fundamentalmente

na defesa de seus direitos à integração e na necessidade de promover uma profunda reforma das escolas, que torne possível uma educação de qualidade para todos eles, sem nenhum tipo de exclusão (MARCHESI, 2010, p.15).

Nesta perspectiva o autor defende a garantia da criança a educação seja ela “especial” ou não, todavia a mesma não deve ser feita de qualquer jeito, devendo ser garantida com qualidade, isso quer dizer que não basta apenas inserir o aluno dentro da escola é preciso dar suporte a ele, e atender suas necessidades em todos os seus aspectos garantindo sua aprendizagem. Segundo Ropoli (2010):

Para haver inclusão é necessário que haja aprendizagem, e isso traz a necessidade de rever os nossos conceitos sobre currículo. Este não pode se resumir as experiências acadêmicas, mas se ampliar para todas as experiências que favoreçam o desenvolvimento dos alunos normais ou especiais. Sendo assim as atividades de vida diária podem se constituir em currículo e em alguns casos, talvez seja os conteúdos que serão ensinados (ROPOLI, 2010, p.90)

Desta maneira para haver inclusão é necessário que haja todo um trabalho escolar envolvido, que integre pais professores e gestão escolar, pois segundo o autor a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais vai além do que somente ela estar em uma escola comum, dentro de uma sala de aula regular. É necessário que se revise a todos os aspectos que deem suporte a esse aluno com necessidades educativas especial, e no caso da criança autista o foco sobre os métodos de ensino e a sua integração junto as outras crianças será ainda mais delicado, todavia necessário.

É preciso proporcionar ao aluno autista atividades significativas a aprendizagem desta criança, investindo em suas potencialidades, entretanto antes de integra-lo é preciso que a escola pense neste aluno como um sujeito que está lá para aprender como e qualquer outra criança, pois esta criança apesar de suas dificuldades é sim capaz de aprender, pensar, sentir e participar das ações que envolvem a escola como qualquer outra criança e desta maneira deve ser tratada como igual respeitando, todavia sua singularidade conforme afirma Cavaco (2014, p.31):

Incluir não é só integrar [...] não é estar dentro de uma sala onde a inexistência de conscientização de valores e a aceitação não existem é aceitar integralmente e incondicionalmente as diferenças de todos em uma valorização do ser enquanto semelhante com igualdade de direitos e oportunidades e mais do que desenvolver comportamentos é uma questão de conscientização e de atitudes (CAVACO, 2014, p.31).

Conforme explicitados pelos autores é preciso que a escola pense no aluno com necessidades educativas especial e autista como uma criança que vai aprender e para isso é preciso que a mesma possa dar apoio ao professor estando preparadas para receber esta criança,

daí a importância da capacitação preparo, informações sobre o assunto, pois conforme explica Marra e Andrade (2021, p.8) “o desconhecimento e a falta de informação sobre o TEA produzem incompreensão, fazendo com que as pessoas reproduzam conceitos deturpados sobre o assunto”. Ainda sobre a falta de conhecimento Chiote (2012, p. 37) exemplifica que:

[...] quando as pessoas são questionadas sobre o autismo, geralmente são levadas a dizer que se trata de crianças que se debatem contra a parede, tem movimentos esquisitos, ficam balançando o corpo, e chegam até dizer que são perigosos e precisam ser trancados em uma instituição para deficientes mentais. São falas que revelam desinformação a respeito dessa síndrome (CHIOTE, 2012, p. 37).

Diante disso, muitas das vezes ocorrem das crianças serem discriminadas pelos aspecto de seus transtorno, nos quais muitas das vezes até mesmo por adultos mal informados que acabam por transmitir noções errôneas para as crianças, daí a importância da escola em informar, incluir e integrar as crianças especiais ao convívio de outras crianças assim podendo por sua vez garantir um futuro mais igualitário e menos preconceituoso a pessoas não com Autismo mas com vários outros transtornos e deficiências. Já para as crianças com autismo a escola contribuirá muito no seu desenvolvimento, não somente na aprendizagem escolar, mas no convívio social e de bons convivências.

No convívio com outras crianças aprende a dar e receber ordens, a esperar sua vez de brincar, a emprestar e tomar como empréstimo o seu brinquedo, a compartilhar momentos bons e ruins, a fazer amigos, a ter tolerância e respeito, enfim, a criança desenvolve a sociabilidade” (SANTOS, 2008, p.56).

Portanto a inclusão de crianças autistas nas escolas desde muito cedo é de suma importância, pois contribui tanto para o aluno autista em seu processo de ensino aprendizagem, quanto aos demais educandos, uma vez que desperta atitudes de solidariedade e igualdade na escola podendo ser futuramente refletida na sociedade.

1.4. O PAPEL DO PROFESSOR E OS DESAFIOS DA PROPOSTA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A inclusão de alunos nas escolas públicas e regulares é um direito que pode contribuir tanto para a inserção da criança a sociedade como para uma mudança mais profunda na transformação para uma sociedade mais igualitária e menos preconceituosa. No entanto, para que a inclusão escolar de fato ocorra é necessário que os professores assumam seu papel como

agentes de integração e inclusão dos mesmos e para isso é preciso que estejam preparados e capacitados para que a inclusão de fato ocorra.

Para que a escola possa promover a inclusão do autista é necessário que os profissionais que nela atuam tenham uma formação especializada, que lhes permita conhecer as características e as possibilidades de atuação destas crianças. Tal conhecimento deveria ser efetivado no processo de formação desses profissionais, sobretudo dos professores que atuam no ensino fundamental. (SILVA; BROTHERHOOD, 2009, p. 3).

Corroborando Gomes, Silva e Moura (2019, p. 3), destacam a importância do ensino de qualidade que deve ser prestado a essas crianças para que consigam aprender:

É importante perceber que a formação de professores é uma das primeiras etapas em busca de qualidade para a inclusão de alunos com TEA. Quando se pensa em formação de professores, pauta-se aqui por aquela em que o professor na maioria das vezes busca por conta própria, motivado por questões suas, particulares, na busca de dar sentido para suas demandas e seus anseios com os alunos com que lida em seu cotidiano, já que, na maioria das vezes, o Estado não lhe dá oportunidade de uma formação continuada (GOMES; SILVA; MOURA, 2019, p. 3),

Toda criança tem direito a educação de qualidade, e assim merecem professores qualificados, na educação especial os professores tanto o titular quanto o de apoio devem estar capacitados a trabalhar com essas crianças, entendendo suas particularidades, e agindo em parceria, traçando estratégias pedagógicas que promovam a inclusão do aluno autista com a escola e os demais colegas da classe. Oliveira (2020, p. 2) destaca que:

O professor deve desenvolver metodologias de aprendizagem para que o aluno autista consiga se comunicar e se desenvolver. O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu desenvolvimento e potencial, de acordo com a sua idade e de acordo com o seu interesse; o ensino é o principal objetivo a ser alcançado, e sua continuidade é muito importante, para que elas se tornem independentes. Trabalhar com alunos autistas exige o desenvolvimento de práticas e estratégias pedagógicas que acolham todos e respeitem as diferenças (OLIVEIRA, 2020, p. 2).

O professor, embora não seja o único responsável pela inclusão, tem um papel primordial na educação do aluno autista e em parceria com o professor mediador podem e devem agir para a aprendizagem da criança autista, daí a importância da capacitação dos professores que trabalham com essas crianças, pois devem oferecer metodologias que se adequem a necessidade e capacidades dos alunos, sabem agir de acordo com o quadro apresentado por eles. Ainda segundo Oliveira (2020, p. 2)

O docente deve observar seu aluno e incentivá-lo com entusiasmo, aproximando-se devagar e sempre com um objetivo traçado. A interação com a família é importante. Laço de companheirismo e solidariedade facilita o trabalho do educador. Muitas ideias vão surgindo quando se conhece e motiva o aluno. O processo pode parecer lento, porém, torna-se eficaz a partir de uma aula planejada e direcionada por metas e objetivos preestabelecidos. (OLIVEIRA, 2020, p. 2)

Como é visto, Oliveira (2020) ressalta a importância da família e do planejamento das aulas de forma que o professor possa conhecer os hábitos e costume do aluno autista, bem como informações que possam contribuir para o planejamento das ações pedagógicas que serão desenvolvidas com o aluno. Segundo Baptista e Bosa (2002, p. 32):

Muitas vezes ausência de respostas das crianças deve-se a falta de compreensão do que está sendo exigido e não de uma atitude de isolamento e recusa proposital. A contínua falta de compreensão do que se passa ao redor, aliada à escassa oportunidade de interagir com crianças “normais” é que conduziria ao isolamento, criando, assim, um círculo vicioso

Para que o professor consiga realizar seu trabalho com a criança autista é importante que o mesmo conheça a doença e esteja capacitado, pois é através dos conhecimentos teóricos e metodológicos adquiridos durante a sua capacitação que o mesmo conseguirá atuar adequadamente, proporcionando ao aluno autista um melhor desenvolvimento cognitivo e psicossocial, ou seja, desenvolvendo o seu lado social e sobretudo sua linguagem.

Escolha correta das estratégias educativas adaptadas é de suma importância para o sucesso na aprendizagem porque quando nos referimos a crianças com TEA, podemos compreender que as mesmas possuem peculiaridades e respostas diferenciadas frente às atividades em sala de aula (SILVA; BALBINO, 2015, p. 2).

Como informado pelos autores a escolha das estratégias são muito importantes no trabalho da criança Autista, o conhecimento do professor sobre o aluno torna-se essencial. No entanto, apesar da importância do trabalho dos professores é sempre bom lembrar que a educação não se faz sozinha, o no caso da inclusão da criança autista contar com o apoio dos pais e da coordenação pedagógica, faz muita diferença, pois é com a ajuda deles que o professor conseguirá traçar seu caminho do que pode ser feito para ajudar seu aluno com autismo.

[...] planejamentos que possam ser (re) construídos e que sejam resultado de um trabalho de professor regente, do professor de apoio, profissionais da equipe diagnóstica e dos pais [...] a forma de lidar a 14 organização dos comportamentos favoráveis ao processo de ensino-aprendizagem [...] (COELHO, 2010, p.69).

Portando, a parceria do professor com a família e instituição escolar é um dos fatores que contribuirá para o bom desenvolvimento do ensino da criança com autismo e sua inclusão no ambiente escolar. Além disso, segundo Coelho (2010, p. 69) é necessário que o professor que almeja a inclusão desses alunos sempre esteja se capacitando e se informando a respeito.

CAPITULO II - METODOLOGIA

O presente capítulo abordará sobre as metodologias utilizadas na pesquisa e coleta de dados, assim o capítulo tem como foco esclarecer os procedimentos e as técnicas desenvolvidas durante a investigação. O termo metodologia segundo Zanella (2013, p. 22) tem como “significado o estudo do método”, no qual Gil (2008, p. 8) define método como o “caminho para se chegar a determinado fim” já método científico é definido por ele como “o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”, no qual, ainda segundo Zanella (2013) a palavra metodologia poderá ter dois significados totalmente distintos dependendo da sua utilização:

- ramo da pedagogia, cuja preocupação é o estudo dos métodos mais adequados para a transmissão do conhecimento; e
- ramo da metodologia científica e da pesquisa, que se ocupa do estudo analítico e crítico dos métodos de investigação (2013, p. 22)

A metodologia empregada teve como finalidade descrever sobre o autismo e o ensino, destacando a inclusão escolar de uma criança específica matriculada na rede básica municipal, empregando durante todo o processo metodologias científicas sistematizadas de acordo com os objetivos propostos. O capítulo, é dividido em tópicos como forma de facilitar as partes que compuseram o a pesquisa científica descrevendo o seu passo a passo até chegar a coleta de dados e análises dividindo-se nos seguintes eixos: Método De Investigação, Caracterização Da Pesquisa, Abordagem Da Pesquisa, Técnicas De Coleta De Dados e Campo e Sujeitos Da Pesquisa.

2.1. MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

Toda pesquisa deve iniciar através da vivência e experiências da pesquisa, partindo de dúvidas o qual percorreram suas caminhadas. Dessa maneira uma pesquisa, geralmente corresponde a alguma dúvida sobre determinado assunto ao qual vivenciou durante a sua vida, seja ela acadêmica ou até mesmo fora dela.

Nesta pesquisa, não foi diferente, uma vez que o tema surgiu através de uma experiência que a pesquisadora vivenciou em sala de aula, logo o tema teve como premissa de método de investigação a indução que é definida por Marconi e Lakatos (2003, p. 86) como:

Um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida fias partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

A indução “parte-se da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer” (GIL, 2008, p. 10), podendo ser comparados com outros casos com a finalidade de descobrir uma relação existente entre os mesmos. Salienta-se que apesar da premissa partir de uma indução, suas conclusões não são feitas meramente através do pensamento indutivo, mas de constatações observadas e coletadas durante o trabalho de campo.

2.2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA QUANTO AO OBJETIVO

Como dito anteriormente a pesquisa científica deve possuir vários processos sistematizados, no qual almejam desvendar assuntos desconhecidos seja em grande escala ou em uma comunidade/cidade menor, assim Gil (2008, p. 8) afirmam que:

A ciência tem como objetivo fundamental chegar à veracidade dos fatos. Neste sentido não se distingue de outras formas de conhecimento. O que torna, porém, o conhecimento científico distinto dos demais é que tem como característica fundamental a sua verificabilidade.

Dessa maneira conhecer um determinado assunto não garante que o mesmo seja científico, apesar de todos os conhecimentos serem importantes, a verificabilidade, quando se trata de um trabalho acadêmico é de extrema importância, uma vez que deve proporcionar mais confiança ao assunto a ser apresentado. Segundo Gil (2002, p.41) toda classificação se faz mediante a um critério, e neste sentido buscando classifica-las de acordo com seus objetivos gerais a pesquisa foi classificada como uma pesquisa descritiva uma vez que visa descrever a realidade do ensino empregado a uma criança que possui Autismo no município de Tabatinga-AM. A pesquisa descritiva segundo Triviños apud. Zanella (2013, p. 34) procura “conhecer a realidade estudada, suas características e seus problemas”, logo busca descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade com exatidão. Corroborando Gil (2002, p. 41) diz que a pesquisa descritiva:

A pesquisa desse tipo de pesquisa tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. [...] Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da

existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Neste caso tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. Por outro lado, há pesquisas que, embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias.

Dessa maneira, apesar da pesquisa partir da premissa da descrição de uma realidade, a mesma possuiu um caráter exploratório que foi amplamente discutido pela discente neste trabalho, no qual estimulou a descoberta de novos saberes a respeito do tema, assim ainda segundo Gil (2008, p. 7) a pesquisa em seu caráter exploratório:

Têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão.

Para uma melhor contextualização sobre o assunto a pesquisa se dividiu em dois grandes eixos de busca: a pesquisa bibliográfica, que teve como princípio construir uma base teórica referente ao assunto possibilitando uma aproximação conceitual; e também um estudo de caso feito com uma criança que possui Autismo da cidade de Tabatinga-AM, isso é o que Gil chama de delineamento que segundo o mesmo:

[...] refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a sua diagramação quanto a previsão de análise e interpretação dos dados. Entre outros aspectos, o delineamento considera o ambiente em que são coletados os dados, bem como as formas de controle das variáveis envolvidas. (GIL 2008, p. 49)

Ainda segundo Gil (2008) para que esse delineamento seja feito é necessário a identificação dos procedimentos da coleta de dados, dessa maneira destacam segundo o mesmo, dois grandes grupos: aqueles que se os dados são retirados de papel e aqueles cujo os dados são obtidos por pessoas. “No primeiro grupo estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo estão a pesquisa experimental, a pesquisa ex-post-facto, o levantamento, o estudo de campo e o estudo de caso” (GIL, 2008, p. 50). Contudo, esta classificação não deve ser rígida pois, como sabemos há variantes em pesquisas que não se enquadram tão facilmente nessas características

Como foi dito anteriormente a pesquisa se iniciou através da busca por fontes bibliográficas referente ao tema a ser pesquisado, no qual foi discutido durante o primeiro

capítulo deste trabalho, e que segundo Lakatos e Marconi (2005, p. 183) deve abranger “toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc”. Corroborando Gil (2008, p. 50) afirma que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo

A segunda etapa foi feita através de um estudo de caso com uma criança Autista em Tabatinga-AM, buscando conhecer os aspectos que rondam o ensino destas crianças, no qual fazem parte seus pais, professores, amigos e a escola. Segundo Menezes, Duarte, Carvalho, Souza et. al. (2019, p. 44) o estudo de caso é “o tipo de pesquisa cujo procedimento volta-se para um caso específico com o objetivo de conhecer suas causas de modo abrangente e completo”, corroborado Pereira (2018, p. 65) observa que “este tipo de estudo pode trazer uma riqueza de dados e informações de modo a contribuir com o saber na área de conhecimentos na qual for utilizada”, o que contribui bastante um detalhamento de um caso específico.

2.3. ABORDAGEM DA PESQUISA QUANTO A NATUREZA

Em qualquer pesquisa é necessário definir quais os tipos de informações se pretendem alcançar, nesta pesquisa, não foi diferente, dessa maneira, a pesquisa busca informações qualitativas uma vez se buscará se observar a educação inclusiva de uma criança e sua experiência na escola, além disso buscará saber a importância dos professores e pais dessa no acompanhamento e inclusão dessa criança visando seu aprendizado, ou seja, trata-se de informações não quantificáveis, tratando-se assim de uma pesquisa de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa segundo GIL (2002, p. 133):

[...]é menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação

A pesquisa sobre a inclusão de uma criança autista na escola em tabatinga exigiu dados qualitativos, uma vez que tanto a experiência vivenciada durante as observações, bem como as

aquelas em que houve conversas com as pessoas que conviviam com essa criança, tratavam-se de opiniões e pensamentos dos envolvidos não sendo estas quantificáveis, tratando-se assim de pesquisas sociais que por si só já se esperam ser qualificáveis e pouco quantificáveis pois retratam a realidade social, que segundo Gil (2008, p. 26) “é entendida aqui em sentido bastante amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais”, ou seja, são explicáveis de modo qualitativo.

Neste tipo de pesquisa conforme Ludke e Andre (2013) apud. Pereira et. al. (2018, p. 67) algumas características, são:

- 1) A pesquisa qualitativa, em geral, ocorre no ambiente natural com coleta direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento;
- 2) Os dados coletados são preferencialmente descritivos;
- 3) A preocupação do processo é predominante em relação à do produto;
- 4) O “significado” que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção para o pesquisador e,
- 5) A análise de dados e informações tende a seguir um processo indutivo

Portanto, a pesquisa sobre “Autismo: Um Estudo De Caso Sobre A Inclusão Escolar De Uma Criança Autista Na Educação Básica No Município De Tabatinga/AM” pretende mostrar de modo qualificável como é feita a inclusão de um aluno autista dentro do ambiente escolar no município destacando os agentes envolvidos neste processo que deverá garantir a aprendizagem dessa criança.

2.4. TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados é considerada por Prodanove e Freitas (2013, p. 54) “uma das fases mais importante da pesquisa, e por isso deve ser bem delineada, uma vez que as técnicas e instrumentos utilizados nas coletas de dados influenciaram diretamente na análise e nos resultados da pesquisa”. Segundo Pereira et. al. (2018, p. 67):

[...] as técnicas são procedimentos que operacionalizam os métodos. Para todo método de pesquisa, correspondem uma ou mais técnicas. Estas estão relacionadas com a coleta de dados, isto é, a parte prática da pesquisa”, já quanto aos instrumentos que mais são utilizados na coleta de dados os autores citam que são cinco, sendo eles: 1) Observação; 2) Entrevista; 3) Questionário; 4) Testes; 5) Documentos. Estes instrumentos contribuirão como material para a análise de dados.

Quanto aos principais instrumentos que foram utilizados na coleta de dados a pesquisadora destaca a observação e o questionário, considera por Zanella (2013, p. 103) “como

os métodos de coletas de dados mais utilizados nas pesquisas qualitativas”. Em uma pesquisa social Gil (2008, p. 100) destaca que a observação o elemento:

[...] fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente. A observação é sempre utilizada nessa etapa, conjugada a outras técnicas ou utilizada de forma exclusiva. Por ser utilizada, exclusivamente, para a obtenção de dados em muitas pesquisas, e por estar presente também em outros momentos da pesquisa, a observação chega mesmo a ser considerada como método de investigação.

A escolha da técnica de observação se deu, pela vantagem de que nessa técnica os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação, o pesquisador através dos sentidos perceptivos deve adquirir conhecimentos que são empregados no dia a dia e em seu cotidiano de modo a compreendê-lo profundamente, ou seja, “é uma técnica que utiliza os sentidos para obter informações da realidade” (ZANELLA, 2013, p. 121). Salienta-se que a mesma foi aplicada diretamente no cotidiano da criança autista dentro de sala de aula.

A outra técnica para a coleta de dados foi a entrevista que conforme explica Zanella (2013, p. 127) “é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto”, sendo utilizado segundo a mesma principalmente em pesquisas qualitativas.

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação (GIL, 2008, p. 109)

Esta técnica de coleta de dados, se deu com os professores (titular e apoio), pais e gestor da escola onde essa criança estuda, sendo a mesma utilizada como um instrumento que pudesse coletar informações a respeito do assunto, é uma técnica que se utilizou de perguntas feitas ao entrevistado para poder obter algumas informações específicas sobre o tema.

As vantagens da entrevista são: possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos envolvidos na pesquisa; obtenção de dados acerca do comportamento; os dados coletados podem ser classificados; o entrevistado não necessita saber ler e escrever; oferece a possibilidade de esclarecimentos; permite observar algumas expressões durante a sua execução, através de gestos e voz do entrevistado (PEREIRA et al. 2018, p. 42).

Portanto, a observação e a entrevistas foram escolhidos como instrumentos para coleta de dados, visto que as mesmas buscam abranger os aspectos que se relacionam com o estudo de caso, trabalhando diretamente com a criança pesquisada, bem como os atores que agem diretamente no ensino do mesmo. Estas técnicas visaram garantir uma melhor compreensão do problema proposto facilitando a obtenção dos dados para a análise.

2.5. O CAMPO DE PESQUISA E O SUJEITO DA PESQUISA

O campo de pesquisa onde foi realizado o estudo de caso foi escolhido no mesmo local que pesquisadora já havia estagiado, por ser um local onde a mesma já conhecia e tinha presenciado um aluno que possuía autismo, assim o campo de pesquisa escolhido foi a Escola Municipal Senador Fábio Lucena: anexo Mundo Encantado no Município de Tabatinga-AM.

Imagem 01- Escola Senador Fábio Lucena: Anexo Mundo Encantado



Fonte: Barbosa. Gisely D, 2022.

A Escola Senador Fábio Lucena: Anexo Mundo Encantado, está localizada na Rua Almirante Tamandaré, s/n, Bairro Dom Pedro I. A referida escola possui 04 (quatro) salas de aula, 01 (uma) cozinha, 01 (uma) cantina, 01 (um) refeitório, 01 (um) depósito de merenda e 01 (um) de material de limpeza, 01 (uma) secretaria, 02 (banheiros) sendo um masculino, um feminino e 01 (um) corredor. O quadro de docentes está composto por 06 (seis) professoras no turno Matutino e 5 (cinco) professoras durante o turno Vespertino, sendo todas licenciadas. Conta ainda com quadro administrativo de 33 funcionários, entre eles, diretora, auxiliar de serviços gerais, merendeira, porteiro e vigia. Quanto as turmas, a escola durante a manhã possui dois Pré I (A e B), um Pré II (A) e uma turma do Maternal III, já pela tarde a escola conta com dois Pré II (B e C), um Pré I (C) e uma turma do Maternal III.

A escola possui como missão formar o educando partindo do princípio: prática-teoria-prática, em busca da construção de uma sociedade justa, igualitária vivenciadora de valores e conhecimentos socialmente úteis, com metas no desenvolvimento integral do ser humano, sujeitos do contexto social. Para que no futuro os mesmos sejam capazes de promover mudanças na sociedade em que se encontram inseridos, sendo cidadãos críticos, ativos, participativos e conscientes sobre tudo que está em sua volta.

Quanto a visão desenvolvida pela escola, a mesma busca um mundo mais justo respeitando a diversidade cultural, econômica e social, para que cada indivíduo inserido em seu contexto tenha oportunidade nas suas realizações de seus ideais. Em seus valores a escola buscará ter como princípio a formação de cidadão éticos de responsabilidades com o meio social, com visão crítica do ser humano da sua realidade, capaz de intervir de forma transparente nas questões da sociedade durante o processo de formação intelectual, moral e social.

O sujeito principal da pesquisa foi um aluno Autista de 5 anos de idade que está matriculado na série Pré I “B”, tendo como material de apoio da pesquisa três entrevistas feitas diretamente com a mãe da criança autista, a professora titular e a professora mediadora que de acordo com Benute (2020, p. 35):

A presença de um mediador em sala de aula vai depender da avaliação conjunta com discente e/ou familiares acerca das necessidades específicas de cada discente. Para a adequada inclusão do mediador em sala de aula, a preparação de todos os alunos da turma faz-se importante para desmitificar sua função, dirimir preconceitos e propiciar ambiente cordial e agradável para todos.

Cabe destacar que a professora mediadora, não está em sala de aula como uma professora substituta, mas sim para garantir que o processo educacional oferecido a criança autista seja cumprido, trabalhando e auxiliando o aluno autista na realização das atividades em sala de aula, assim além da professora foi importante também ouvir a professora mediadora sobre o processo de inclusão da criança autista pesquisada,

CAPITULO III - ANALISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo tem como principal objetivo apresentar os dados e os resultados obtidos na pesquisa de campo aplicada na Escola Senador Fábio Lucena: Anexo Mundo Encantado através da observação feita com uma criança que possui Autismo da série Pré I, da educação infantil no turno matutino, contando também com duas entrevistas realizadas com as professoras que ministram aula para essa criança, bem como a mãe do aluno como forma de entender o processo de inclusão do aluno autista na referida escola.

A partir dos dados coletados e contando com os métodos de pesquisa mencionados no capítulo anterior, a discente realizou uma análise em três etapas: 1º as entrevistas com a professora titular e com a mediadora o qual durante esse capítulo estarão sendo mencionada como “Professora” e “Mediadora”, 2º a entrevista realizada com os pais, o qual foi feita com a mãe do aluno – o qual será citada como em alguns momentos como “Responsável, e 3º a observação do referido aluno Autista – que durante a pesquisa dos será citado como “Aluno”. Dessa maneira a pesquisa buscou transformar durante os capítulos as informações em ideias que buscassem ajudar e compreender o processo de inclusão dessa criança e para isso, contará com trechos de algumas falas das entrevistas, mas sobretudo sob a perspectiva observada do trabalho escolar e apoio da família para a inclusão da criança autista.

3.1. O PROFESSOR E SUAS PERSPECTIVA SOBRE O AUTISMO E SUA INCLUSÃO ESCOLAR

Neste tópico serão analisados primeiramente as professoras que trabalham com a criança Autista, seu perfil profissional e suas experiências na área, além de apresentar o que as mesmas conhecem sobre o autismo, apontando suas técnicas e metodologias utilizadas com essa criança autista, desde já é informado que as entrevistas foram feitas no mesmo dia, todavia cada professora foi entrevistada individualmente como forma de destacar seus pensamentos individuais, informando a ambas que suas identidades seriam mantidas em sigilo como forma de preservar seu trabalho e sua autonomia enquanto docente.

A primeira professora entrevistada foi a professora titular que informou que possui 31 anos de idade, tem formação em pedagogia e a 4 anos leciona na educação infantil, a mesma já havia informado que possuía especialização em Psicopedagogia. A segunda professora (Mediadora) informou que possui 33 anos de idade, é formada em Pedagogia e possui

especialização e psicopedagogia, sendo está a primeira vez que atuava como professora mediadora.

A primeira pergunta feita as referidas professoras foram sobre o processo de inclusão. Foi perguntado o que a professora entendia sobre inclusão e o que era a inclusão para ambas. No qual a professora respondeu que para ela “a inclusão é oferecer oportunidade de igualar a todos, mesmo na diferença” quanto a mediadora, ela respondeu que a inclusão seria é integrar, inserir, adicionar algo ou pessoas em algum lugar”. Verifica-se através das respostas que as professoras possuem respostas parecidas, no qual para ambas, a inclusão seria oportunizar/inserir a criança no ambiente escolar, o que se assemelha também com o conceito mencionado anteriormente sobre inclusão escolar dado por Marchesi (2010) no qual defende o direito da integração das pessoas com necessidade, oferecendo uma educação de qualidade, não deve ser a mesmo ser excluída. Neste sentido a professora mediadora ainda informa a integração da criança como um ser que deve ser tratada em todos os seus ambientes de forma igualitária.

A segunda pergunta foi sobre o autismo, e o que ambas conheciam a respeito, sendo indagadas sobre a concepção de autismo e o que era uma criança autista, no qual cada uma mostrou conhecer um pouco do que seria o autismo destacando que a respostas das que disseram:

Vejo o autismo como algo que barra o desenvolvimento cerebral de forma geral, pois afeta a comunicação com os outros (PROFESSORA, 2022)
É um distúrbio no desenvolvimento do cérebro que afeta a capacidade de relacionamento com pessoas e com o meio em que vive (MEDIADORA, 2022)

Conforme relatado pelas professoras percebe-se que as mesmas possuem um conhecimento mínimo do que seria o autismo, destacando que as mesmas o reconhecem pela característica da não socialização com outras crianças, todavia como mencionado por Orrú (2011, p. 30) o autismo é uma síndrome que compromete a comunicação verbal ou não verbal, sendo também citado pelo autor como um distúrbio no desenvolvimento, assemelhando com o conceito dado pela professora mediadora, assim destacam que enquanto a primeira assemelha o transtorno as suas característica a mediadora já destaca seu conceito mais similar ao de Orrú (2011). Cabe destacar que o reconhecimento de tais conceitos e característica se faz necessário no trabalho com crianças autista, pois auxilia nos seus trabalhos metodológicos, bem como no apoio mútuo para a aprendizagem e desencomendo da criança autista.

Outra pergunta feita a professora e a mediadora foi a respeito das características apresentadas pela criança autista, que elas destacam durante suas observações.

Uma característica que eu noto no *Aluno* é a dificuldade de manter o contato visual e a sensibilidade que o mesmo possui a alguns sons, percebo essa sensibilidade em outras crianças autistas que já tive contato [grifo da autora] (PROFESSORA, 2022).

A característica que observei no *Aluno* foi no caso da comunicação, por que na interação não é a realidade do meu aluno, pois ele interage bastante, sempre me diziam que crianças autistas possuíam essa dificuldade, mas não é o caso do *Aluno* [grifo da autora] (MEDIADORA, 2022)

O reconhecimento das características como mencionado anteriormente traz muitos benefícios quanto ao trabalho das professoras, como citado por Costa (2013, p. 75) é unânime entre os especialistas quanto mais cedo o diagnóstico, as professoras poderão delinear suas metodologias para a inclusão do aluno autista, ajustando em sua interação com outras crianças e melhorando reflexos na sua atenção promovendo de fato praticas inclusivas que visem o desenvolvimento da criança autista.

As professoras em seguida foram indagadas sobre os principais desafios que ela enfrentou ou ainda enfrenta no processo de inclusão do aluno autista pesquisado, relatando em suas respostas que não tinham experiências com a educação especial, principalmente com alunos autistas, no qual apesar dos anos de experiência da professora titular essa seria a primeira vez que a ela trabalha com uma criança autista dentro de sala de aula. Para a mediadora o desafio que a mesma enfrenta seria a confiança que no caso do ensino da criança autista é importantíssimo, através do relato feito pelas profissionais verificou-se que naquele momento inicial as mesmas tiveram inseguranças por ser algo novo, e por não terem recebido nenhum treinamento por parte da escola, e apesar de terem feito uma pós graduação ainda possuíam “medo” em trabalhar com uma criança autista, mas logo ao iniciar a sua prática com a criança autista esse medo transformou-se em confiança, e o desafios foram sanados através de pesquisas e informações que a mesmas buscaram na internet. Através do que as professoras relatam é necessário que se busque informações e capacitação para trabalhar com crianças autistas e apesar de não terem treinamento as mesmas buscam sempre se informar e pesquisar.

Quanto as suas pratica pedagógica, as professoras responderam que fazem uso de muitos materiais lúdicos, para ajudar na socialização da criança autista, incentivando-a também a participar de brincadeiras e jogos com a turma, a mediadora destaca que observou o uso de materiais concretos ajudam a criança autista a compreender melhor as informações e com o incentivo da rotina essa informação é aprendida.

Em um determinado momento foi perguntado para as professoras se elas se sentiam capacitadas em trabalhar com alunos autistas, e verificou-se que as mesmas informaram não estar totalmente capacitadas, pois não tiveram treinamento, mas que estão se capacitando

através da prática e do dia a dia com o aluno, destacando que sempre buscam se informar a respeito do tema e utilizar recursos que melhorem o desenvolvimento desse aluno. Em seguida foi perguntado que recursos seriam esses, e as mesmas responderam que de modo geral seriam materiais que estimulassem a psicomotricidade da criança e muitas outras de forma lúdica como vídeos, imagens, brinquedos educativos e massinha informando que a criança autista gosta muito de realizar atividades com massinha de modelar e que tudo que é novo desperta a sua curiosidade, mas as atividades que ele já conhece sempre o deixa mais calmo. A professora mediadora ainda conta que a criança autista é participativa e adora desenhar e pintar.

Em sua comunicação com as professoras e os demais colegas de sala elas comentam que desde o início ele conseguiu se comunicar, seja gestual ou oralmente, da maneira dele, e procurando usar sempre frases curtas a mediadora diz que costuma se comunicar com a criança tentando deixá-lo calmo em todo tempo de aula e esperando sempre o seu tempo na execução das atividades.

Por fim, ao final da entrevista foi perguntado a professora e a mediadora que medidas podem ser tomadas para melhorar o atendimento e a inclusão dos alunos autistas na escola. A professora falou que é necessário a orientação e o respeito se o professor conseguir trabalhar isso com as crianças poderemos estar caminhando para um país melhor, ela também destaca que no trabalho com uma criança autista o mais importante é o professor gostar do que faz, pois esta criança necessita muito da atenção do professor e finalizou sua entrevista ressaltando a importância do uso de materiais lúdicos que no caso da escola não possui.

A mediadora informou que para melhorar o atendimento e inclusão do aluno autista a escola deve proporcionar um ambiente mais lúdico, com desenhos nos vários ambientes da escola, para que o professor consiga executar não somente em sala de aula, mas em toda escola rotinas que ajudem a criança a ganhar autonomia e confiança.

Portanto verifica-se durante o decorrer da entrevista que tanto a professora quanto a mediadora possui conhecimento sobre o autismo e que apesar das dificuldades vem executando suas atividades para levar conhecimento a criança pesquisada. É possível perceber, no que tange ao papel da escola, é pouco o apoio dado a professoras que trabalham com crianças especiais devido a escola não possuir muitos recursos de apoio e contar com o poder municipal para que as melhorias no ambiente sejam feitas, o que denota não somente a ausência de melhorias e apoio aos professores dessa escola quanto a materiais para o trabalho com essas crianças, mas em todo município que ainda enfrenta uma escassez quanto a materiais e capacitações nessa área.

Infelizmente o que se verifica é que o processo educacional inclusivo é colocado como responsabilidade somente do professor em sala de aula, o que não é o certo, pois este deve ser um papel de toda a escola devendo contar com a participação dos pais não somente dos alunos com necessidades educativas especial, mas de toda comunidade escolar, e que apesar da escola tentar dar um pequeno suporte as professoras ainda a uma escassez de matérias e melhorias no ambiente que precisam ser feitas, por que se o professor não tiver materiais e a escola não oferecer um ambiente propicio a aprendizagem o processo educacional de inclusão da criança autista não ocorrerá.

3.2. A FAMÍLIA E SUA IMPORTÂNCIA NA INSERÇÃO E INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA

Este segundo tópico vem trazer um pouco sobre a participação da família na educação escolar do aluno autista, da descoberta da família, desafios, seus anseios na inclusão de seu filho autista na escola. Conforme citado por Rodrigues, Jesus e Silva (2021, p. 13):

Faz-se necessário o auxílio dos familiares durante todo o processo de acompanhamento na jornada desses alunos, tendo em vista que essa relação entre pais e escola é essencial para o desenvolvimento dos dois. Essa contribuição que os pais podem oferecer para seus filhos com aspecto é indispensável para que eles possam desempenhar suas habilidades com maior segurança. Visando sempre o bem-estar de todos e buscando sempre promover a autonomia desses alunos alinhando a aprendizagem escolar.

Assim a coleta de dados se deu através de uma entrevista realizada diretamente com a mãe da criança autista, mas antes que fosse possível realizar as observações foi necessário primeiramente ter uma conversa com a responsável para que a mesma pudesse autorizar o estudo de caso com o seu filho e somente após o aceite que foi possível a realização da entrevista bem como o acompanhamento observacional do seu filho portado do espectro autista.

Primeira pergunta feita foi justamente sobre como se deu a descoberta do autismo em seu filho, e senhora respondeu que foi se dando a medida que ele crescia, que com o passar do tempo ela observava que seu filho “não se expressava que nem as outras crianças, ele não interagiu e se mostrava como se não ouvia ou entendia”. Percebe-se durante essa primeira pergunta que a mãe naquele momento da descoberta sentiu-se assustada com as dificuldades de seu filho e assim como a maioria dos pais o levou ao médico que logo foi diagnosticado com autismo.

A mãe conta então que pensava que encontraria alguma dificuldade em colocar seu filho na escola, por ele possuir autismo, mas a mesma respondeu que não houve nenhuma dificuldade na hora da matrícula de seu filho da instituição de ensino. Ressaltando a importância da família em matricular o filho autista na escola e o suporte que deve ser dado as professoras e a escola para o melhor desenvolvimento do seu filho.

A mãe conta ainda que já é possível perceber algumas diferenças e benefícios que a escola trouxe na vida de seu filho autista ao ser indagada sobre a contribuição escolar, destacando em suas falas que a mudança mais significativa foi em relação a socialização com as outras crianças, o que já é um grande avanço.

E em sua última resposta ao questionário ressaltou a importância da participação familiar para o desenvolvimento motor e social da criança autista e que ela como mãe vem buscando cada dia mais dar apoio para o desenvolvimento da criança para que a mesma possa se tornar uma criança igual as outras e quem sabe um adulto independente, finalizou.

Fazendo uma pequena revisão da entrevista da mãe é possível analisar que a mesma já notou desde muito cedo que seu filho poderia ser autista, devido algumas situações que ela percebia que seu filho não interagira como as outras crianças, o contato visual que não tinha, a fala que também estava tardia e diante desses e outras significativos sintomas buscou informações e por ser professora buscou logo um diagnóstico para tratar das dificuldades apresentada por seu filho, o matriculando em uma escola pública para que assim pudesse ter um acompanhamento de perto de alguém que esteja preparado a dar suporte no ensino aprendizagem de seu filho na escola.

Percebe durante a entrevista que a mesma, vem gostando do tratamento educacional que o filho está tendo na escola, pois notou que seu filho está ficando social com seus amigos da sala, que acha também muito importante que a família esteja ajudando os filhos em casa, pois eles precisam de alguém que o motive a fazer suas atividades, como também levar os especiais para ambientes em que possam se sentir confortáveis, fazê-los conhecerem o novo.

Em uma conversa durante as observações foi notado que ela conversa muito com seu filho, sempre tentando deixar ele a vontade com as professoras e os colegas da escola. A mãe diz ainda que só notou que o mesmo tinha algo quando na pandemia do covid-19, durante o ano de 2019 a 2020, que passou a conviver mais tempo com ele, pois a mesma trabalha o dia todo, e durante esse tempo de isolamento por causa da pandemia do covid-19. Sem sair de casa que começou a notar os comportamentos do filho, até quando ele brincava sozinho e não interagira com sua prima que mora na mesma casa.

Portanto, conforme as observações e entrevista da mãe é notável que existem barreiras ainda ser quebradas quanto a inclusão escolar de seu filho autista, mas que o apoio da família é essencial neste momento e como destacado anteriormente por Bossa (2000) o suporte da família pode trazer avanços no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social melhorando vários aspectos da em sua vida.

3.3. O SUJEITO AUTISTA E O PROCESSO DE INCLUSÃO NA ESCOLA ANEXO MUNDO ENCANTADO

Durante o tempo de pesquisa foi notável o quanto o autismo ainda vem sendo discutido durante os anos, e no âmbito escolar a inclusão de alunos com necessidades educativas especial passou a ter mais foco nesses últimos anos. Este tópico da análise e discussão dos resultados vem discorrer sobre as observações que a graduanda pesquisadora fez a respeito da criança com autismo pesquisada, tratando de informar sua rotina escolar e como o processo de inclusão se mostrou durante os dias de observações.

A inclusão é uma ferramenta social fundamental para a igualdade de direitos, na construção de uma sociedade de fato cidadã. Deste modo, na perspectiva da inclusão educacional, todas as pessoas possuem os mesmos direitos, independente das suas características, limitações ou deficiência, pois só assim será possível a construção de nova sociedade, mais plural e democrática (BENUTE, 2020, p. 7)

A primeira parte da observação começou antes mesmo da chegada do aluno autista em sala de aula, o qual a pesquisa procurou saber o que possuía o espaço de ensino e a sala de aula o qual a criança iniciaria sua aprendizagem. Dessa maneira se observou que na sala de aula possuía cadeiras pequenas com suas mesas, uma tv, um ar condicionado, um armário, um ventilador, um quadro branco, alguns adereços nas paredes como as vogais e numerais.

Ao iniciar as observações a pesquisadora no primeiro momento procurou verificar a rotina do aluno, que ao longo da semana costuma chegar na escola as 07:00h, acompanhado de sua mãe, neste início percebeu que o aluno entrou na sala de aula com sinais de medo, querendo entrar na primeira porta que chega, pensando ser sua sala. Ao entrar na sala, consegue seguir para sua cadeira e se senta com autonomia. Enquanto a mãe está conversando com a mediadora, o aluno fica sentado na cadeira quieto à espera da professora.

Durante esse início já é possível observar que o aluno demonstra atenção e disciplina. Em seguida as professoras começam a dar bom dia, incluído o aluno autista a rotina dos demais colegas da classe. Foi possível observar que o mesmo se sentiu alegre e apesar de apresentar os sintomas repetitivos, próprios do autismo, consegue se socializar com a professora, contando a todo momento com o apoio da mediadora.

Durante os dias observados foi possível notar a felicidade do aluno em brincar com massinhas de modelar, isso já havia sido mencionado pela professora e pela mediadora, todavia o processo educacional nesta brincadeira contribui para a aprendizagem já que com o auxílio da mediadora o mesmo conseguiu modelar a letra A e outras vogais e até conseguia identificá-las a professora.

Algo relevante que o qual pode ser relatado, foi em relação a forma como a mesma faz com que o aluno autista socialize com as demais crianças, que é através da repetição dos nomes deles na rotina, e naquele momento já se notou que o aluno vem assimilando alguns nomes aos colegas e os já os cumprimenta. Verifica-se que neste processo os demais alunos se sentem mais empáticos com o colega, o tratando de forma igual e com muito carinho.

Em um dia específico, foi notado o que seria um dos momentos em que a criança mais socializaria, a professora propôs neste dia canto e dança de músicas infantis com as crianças dentro de sala de aula, neste dia o aluno autista conseguiu participar de todas as dinâmicas, todavia em alguns momentos devido ao espectro autismo o mesmo se distraía com os desenhos das mochilas ou outra coisa que o chamasse atenção, mas a com muito cuidado e atenção a professora mediadora conseguia fazer com que o aluno autista voltasse a participar das atividades.

Isso foi observado em outros dias quando o aluno não queria participar ou quando sua atenção era desviada para outro ponto da sala, a professora mediadora sempre o fazia voltar a interagir com os demais colegas e atividades, ajudando a socializar demonstrando um cuidado de quem se capacitou e principalmente de quem gosta de trabalhar com crianças especiais.

Um momento muito interessante na observação, em que representa o quanto a inclusão se faz necessária e ser for feita por profissionais que são capacitados e principalmente gostam do que fazem torna tudo mais fácil, foi quando o aluno ao ser solicitado que fosse para a fila para ir para o pátio, pois haveria uma socialização de uma atividade de data comemorativa, o mesmo se mostrou muito apreensivo, não querendo ir para trás, chorou, agarrou a professora e dizia repetidas vezes que queria ficar na sala, naquele momento a professora mediadora se fez presente em todo o momento, foi lá com ele, conversou, fez brincadeiras e com muita dificuldade conseguiu levar ele até o pátio, todavia o aluno ainda continuava com medo.

Foi neste momento que o apoio conversou com as demais crianças sobre o aluno, dizendo que “tinha um coleguinha que tem sensibilidade aos sons”, e pediu que as crianças tivessem paciência com o coleguinha, o que demonstrou o empenho da escola em incluir a criança nas atividades escolares e de socialização com as demais crianças. Todavia apesar do aluno ter contado com o apoio e empatia das outras crianças e profissionais foi percebido que o pátio era um dos locais que o mais assustava no qual chegava a chorar ao ser levado ao refeitório na hora do lanche, mas neste momento o trabalho da mediadora se fez muito importante pois durante os dias seguidos a mesma tratou de ajudá-lo a se acalmar.

Neste momento a professora conseguiu identificar que o que a amedrontava o aluno era a parede do refeitório, e neste momento a pesquisadora conseguiu entender por que da mediadora querer que houvesse mais desenhos nas paredes da escola, pois esta seria uma forma do aluno perder aquele medo tornando o lugar mais lúdico e acolhedor como ocorre no ambiente da sala de aula.

Por fim, destaca-se a importância da inclusão como modo de integrar as crianças especiais a sociedade para que as mesmas tenham os mesmos direitos que as demais crianças, assim através do que é visto a inclusão de crianças contribui muito para o desenvolvimento da criança autista, mas sobretudo ajuda a tornar a sociedade mais empática e acolhedora, pois os amigos e colegas de sala de aula, até mesmo os professores poderão, através da convivência com esse aluno, aprender e tornar o mundo mais justo e igualitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi relatar e mostrar o processo de inclusão do aluno autista dentro de sala de aula, tendo como foco um estudo de caso feito com uma criança autista matriculado em uma escola pública no município de Tabatinga-AM. Os principais resultados demonstram que apesar das dificuldades o processo de inclusão vem ocorrendo.

Nota-se como mencionado anteriormente que os esforços para que essa inclusão ocorra cai em sua maioria para a professora e principalmente a mediadora que lida diretamente com a criança autista, e com isso é notável o quanto devemos a profissionais que conseguem realizar seus trabalhos mesmos com recursos escassos.

Cabe aqui neste momento agradecer ao apoio da família que fez com que essa pesquisa fosse possível, principalmente a mãe da criança que em nenhum momento relutou em responder as perguntas demonstrando saber da importância da participação da família no processo de inclusão do aluno autista e parabenizar a professora e a mediadora pela atenção dada ao aluno, o ajudando, o ajudando a superar seus medos, adaptando suas atividades, e principalmente a socializar, assim fazer de fato a inclusão do aluno com os demais colegas.

Além disso nota-se a plena consciência de ambas em melhorar ainda mais como profissionais, se capacitando e buscando soluções que contribuam para o desenvolvimento e inclusão de alunos autistas, e principalmente pelo carinho, paciência pelo trabalho com alunos especiais exercendo um papel de extrema importância.

Salienta-se ainda a contribuição e novos estudos que a pesquisa ainda poderá gerar, permitindo o conhecimento da inclusão local, bem como incentivar que sejam feitas melhorias e capacitações aos profissionais que trabalham com as crianças especiais no município, acrescentando-se a isso a falta e escassez de recursos materiais dado a elas, uma vez que a escola onde acontece a inclusão é totalmente desprovida dos aspectos infraestruturas para receber o aluno.

Porém, apesar da escola não possui sala com recursos, as professoras produzem e até mesmos conseguem trabalhar o lúdico com suas crianças, sendo em sua maioria adaptados especialmente para trabalhar a concentração e coordenação motora do aluno autista. Nota-se novamente o empenho das profissionais em buscar aprendizados tanto de alunos normais quanto ao seu alunos com necessidades educativas especiais.

Portanto, se acredita que por meio dos relatos e impressões sobre a inclusão da criança autista no município de Tabatinga-AM poderá trazer uma luz a problemas que ainda cercam a educação especial no município, traçando formas eficazes de superar os problemas e buscando

cada dia mais melhores resultados. Diante do exposto a discente pesquisadora considera que apesar da pesquisa ser um olhar breve sobre a inclusão de autista no município, revela críticas que ainda pairam na nossa sociedade acerca da educação especial, devendo futuramente ser sanadas por novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Leticia Calmon Drummond. **Tratamento**. In: Site Associação De Amigos Do Autismo – AMA. Disponível em: <https://www.ama.org.br/site/autismo/tratamento/>. Acesso em: 07 de Fev. 2021.

ANJOS, Isa Regina Santos dos. **O Atendimento Educacional Especializado em Salas de Recursos**. Revista Fórum Identidades, ano 5, v. 9, p. 3-11, jan./jun. 2011. Disponível em: . Acesso em: 26 set. 2014.

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira; CUNHA, Patricia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. v. 9. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ; [Fortaleza] : Universidade Federal do Ceará, (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar), 2010.

BENUTE, Gláucia Rosana Guerra, et al. **Transtorno do espectro autista (TEA): desafios da inclusão**, v 2. São Paulo: Setor de Publicações - Centro Universitário São Camilo, 2020.

BOSA, Cleonice; CALLIAS, Maria. **Autismo: breve revisão de diferentes abordagens**. Psicol. Reflex. Crit. V. 13 n. 1 Porto Alegre, 2000.

BRASIL, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB 2/2001**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção 1E, p. 39-40. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 22 de fev. 2022.

_____, Decreto n. 6.253, de 13 de novembro de 2007. **Dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB**, regulamenta a Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Decreto/D6253.htm. Acesso em: 12 mar. 2022.

_____, **Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014**. Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005. Acesso em: 29 set. 2014.

_____, Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Política e Práticas em Educação Especial**. Espanha, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acessado em: 04 de março de 2022.

_____, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010.

_____, **Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 05 mar. 2022.

_____. Lei nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764. Acesso: 07 de fev. de 2022.

_____, Ministério Da Saúde. **Autismo: orientação para os pais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

CHIOTE, F. A. B. **A mediação pedagógica no desenvolvimento do brincar da criança com autismo na Educação Infantil**. Vitória, GESA/UFES. 2012. Disponível em: <https://www.anped.org.br>. Acesso em: 15 de mar. de 2022.

COELHO, Cristina M. **Inclusão escolar**. In: MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane. (Orgs). Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar. Brasília: Editora UnB, 2010.

COSTA, Ulisses. **Autismo no Brasil: um grande desafio**. Rio de Janeiro: Wak, 2013. de subjetivação. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2010.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso; MICHELS, Maria Helena. **A política de educação especial no Brasil (1991-2011): uma análise da produção do GT15 – educação especial da ANPED**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 17, p. 105-124, maio/ago. 2011

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

_____, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TERÁN, Nora Espinosa. **Transtornos de Aprendizagem e Autismo**. 1.ed. Editora Grupo Cultural, 2014.

GOMES, Manoel Messias; SILVA, Severina Rodrigues de Almeida Melo; MOURA, Deniza Dias de. **A importância da família para o sujeito portador de autismo, a educação e a formação docente**. In: Revista Educação Pública, v. 19, nº 25, 15 de outubro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/25/a-importancia-da-familia-para-o-sujeito-portador-de-autismo-a-educacao-e-a-formacao-docente>. Acesso: 25 de fev. 2022.

_____, Claudia. **O lugar do sujeito na inclusão escolar: percalços e fracassos nas relações de subjetivação**. Tese (doutorado em psicologia. Campinas: PUC- Campinas, 2010. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp124959.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LEBOYER, Marion. **Autismo infantil: fatos e modelos**. 5ª ed. Campinas, SP, Papirus, 2005.

MANUAL DE ORIENTAÇÃO. **Transtorno do Espectro do Autismo**. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. Nº 05, Abril de 2019.

MARCHESI, À. **Da linguagem da deficiência às escolas inclusivas**. In: COLL, C.;

_____, À.; PALACIOS, J. (Org.). Desenvolvimento psicológico e educação. 2. ed. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010, V.3.

MARRA, Aurea Cintra de Azevedo; ANDRADE, Lucianne Oliveira Monteiro. **Desafios Para A Inclusão De Alunos Com Tea Na Educação Básica Regular**. (trabalho de Conclusão de curso) - Goiânia: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano-IFAM, 2021. Disponível em:

https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/1754/6/art_esp_Aurea%20Cintra%20de%20Azevedo%20Marra.pdf. Acesso em: 28 de fev. de 2022.

MELLO, Ana Maria S. **Autismo: guia prático**. São Paulo: AMA; Brasília: Corde, 2007.

MENEZES, Afonso Henrique Novaes, DUARTE Francisco Ricardo, CARVALHO, Luis Osete Ribeiro... SOUZA Tito Eugênio Santos [et al.], **Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância**. Petrolina-PE: UNIVASF, 2019.

MOSCHIN, Rosanita; SCHMIDT, Carlo. **Relações Entre Família, Escola E A Inclusão De Pessoas Com Autismo**. UFSM, 2019. Disponível em:

https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/02/RELA%C3%87%C3%95ES_ENTRE_FAM%C3%8DLIA_ESCOLA_E_A_INCLUS%C3%83O_DE_PESSOAS_COM_AUTISMO.pdf. Acesso em: 12 de março de 2022.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista**. Revista Educação Pública, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso: 25 de fev. 2022.

ORRÚ, Ester Silva. **Autismo: o que os pais devem saber?** – 2. ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

PEREIRA, Adriana Soares ... [et al.]. **Metodologia da pesquisa científica** [recurso eletrônico]. 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia Do Trabalho Científico: Métodos E Técnicas Da Pesquisa E Do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

RODRIGUES, Denise da Silva; JESUS, Elisleide Ferreira de; SILVA, Renata dos Santos. **Os Desafios Da Inclusão Escolar De Crianças Com Autismo: Da Teoria A Prática**. [Artigo]. Faculdade Ages Senhor do Bonfim-BA – ÂNIMA EDUCAÇÃO, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/17595/1/artigo%20Inclus%C3%A3o%20Denise%20Elisleide%20Renataconcluido.pdf>. Acesso em: 12 de mar. de 2022.

ROPOLI, Edilene Aparecida et al. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília, 2010. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br>. acesso em 25 de fevereiro de 2022.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.

SILVA, M.K.; BALBINO, E.S. **A importância da formação do professor frente ao Transtorno do Espectro Autista – TEA: estratégias educativas adaptadas**. Anais VI Encontro Alagoano de Educação Inclusiva/ I encontro nordestino de inclusão na educação superior. UFAL. v. 1, n. 1 2015.

_____, Maria do Carmo Bezerra de Lima; BROTHERHOOD, Rachel de Maya. **Autismo e inclusão: da teoria à prática**. In: V ECPP, Maringá, out. 2009. Disponível em: Acesso em: 03 abr. 2015.

SOARES, Daniela Praça. **A Criança Com Autismo Na Escola: Possíveis Caminhos Para A Inclusão**. Trabalho de conclusão de Curso (Monografia). Departamento de Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Campus Universitário de Rondonópolis-MT da Universidade Federal de Mato Grosso, 2019.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. reimp. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC, 2013

ANEXOS**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA – CESTB
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Senhor Pai/Responsável,

Esse questionário faz parte do Trabalho de Conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia realizado pela discente Gisely Duarte Barbosa, matrícula nº 1728120017, e tem como finalidade coletar dados sobre “A Inclusão De Um Aluno Com Autismo Na Educação Básica No Município De Tabatinga/AM”. Informo que ao aceitar participar da pesquisa sua identidade será mantida em sigilo, e suas respostas serão utilizadas unicamente para fins de pesquisa.

ROTEIRO PARA A PESQUISA INVESTIGATÓRIA COM OS PAIS**PERFIL DO ENTREVISTADO**

Nome: _____

Idade: _____

1. Como a senhora descobriu que seu filho era autista?
2. O seu filho tinha laudo quando foi matriculado nessa escola?
3. A senhora teve alguma dificuldade para matricular seu filho nessa escola?
4. A senhora acha importante ajudar as professoras da sala a lidar com seu filho?
5. A senhora acredita que a escola contribuiu para alguma mudança no quadro do transtorno que seu filho apresenta? Se sim, Quais avanços a senhora observa em relação a escolarização ofertada a ele?

Para a senhora qual a importância da participação da família na vida escolar das crianças?

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA – CESTB
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Senhora professora,

Esse questionário faz parte do Trabalho de Conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia realizado pela discente Gisely Duarte Barbosa, matrícula nº 1728120017, e tem como finalidade coletar dados sobre “A Inclusão De Um Aluno Com Autismo Na Educação Básica No Município De Tabatinga/AM”. Informo que ao aceitar participar da pesquisa sua identidade será mantida em sigilo, e suas respostas serão utilizadas unicamente para fins de pesquisa.

ROTEIRO PARA A PESQUISA INVESTIGATÓRIA

PERFIL DO ENTREVISTADO

Nome: _____

Idade: _____ Formação: _____

Há quanto tempo leciona? _____

Possui curso de especialização? Qual/quais? _____

-
6. Para você o que é inclusão?
 7. Em sua concepção, o que é o autismo?
 8. Quais as principais características observadas por você em um aluno autista?
 9. Quais os principais desafios que você já enfrentou ou enfrenta no processo de inclusão de alunos autistas em sala de aula?
 10. Você recebe treinamento, ou tem algum conhecimento prático/ ou teórico sobre como trabalhar com alunos autistas em sala de aula? Quais?
 11. Que prática pedagógica você utiliza para promover a inclusão e a aprendizagem de tais alunos em sua sala de aula?
 12. Em sua opinião você se sente capacitado para trabalhar com alunos autistas? Por que?
 13. Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com o aluno autista?
 14. Como ele desenvolve as atividades propostas para dentro da sala de aula?
 15. Como é a sua comunicação com esse aluno?
 16. Em sua opinião, que medidas podem ser tomadas para melhorar o atendimento e a inclusão dos alunos autistas na escola que você trabalha?